

Ópio



Introdução:

O ópio é extraído de uma espécie de papoila denominada *Papaver Somniferum*, também conhecida como “dormideira”, que ocorre de forma espontânea no Mediterrâneo e no Médio Oriente. O seu uso está documentado pelo menos desde o séc. III a.C., essencialmente para uso medicinal, entre os ricos e poderosos, existindo algumas indicações de que poderá ter sido usado antes disso com fins alimentares, dado o seu elevado conteúdo em óleo (46%). Apesar de lhe serem atribuídas propriedades mágicas, o seu principal uso seria provavelmente a anestesia, o controle da dor e de espasmos.

Embora não estejam completamente esclarecidas as razões para isso, deu-se uma passagem do ópio de substância medicinal a substância de abuso e recreação, que assumiu particular relevância a partir do séc. XVIII.

No início do século XIX começaram a ser isolados e usados com fins medicinais alguns dos constituintes do ópio, tais como a morfina e a codeína e a papaverina, entre outros. No entanto, rapidamente se começou a verificar que algumas destas substâncias eram altamente viciantes e tinham bastantes efeitos secundários indesejáveis, pelo que se começaram a tentar impor algumas restrições ao seu uso, que acabaram por se traduzir, já no século XX, na ilegalização internacional do ópio, embora se mantenha o uso médico controlado de alguns dos seus alcalóides.

Apresentação:

O ópio cru é obtido a partir da realização de pequenas incisões na cápsula da planta, que deixa escapar uma espécie de resina de cor branca que rapidamente solidifica e adquire uma cor acastanhada em contacto com o ar. Esta substância pode depois sofrer processos de transformação que permitem dar ao ópio as suas formas de apresentação finais de apresenta-se sob a forma de pequenos tubos (semelhantes a um cigarro sem filtro), pó ou pequenas bolinhas.

Administração:

A forma de consumo mais comum é a inalação de fumos produzidos pela combustão da substância, mas o ópio também pode ser comido, aspirado pelo nariz (quando em pó) e até bebido e injetado, depois de diluído em líquidos.

Efeitos:

A nível físico o ópio causa sensações de alívio da dor, sonolência, diminuição dos movimentos do intestino, dificuldade em urinar, prisão de ventre, desaparecimento do reflexo de tosse, diminuição da respiração, contração da pupila e sonolência. Podem ainda verificar-se diminuição da temperatura corporal, náuseas e vômitos.

A nível psicológico, instalam-se inicialmente sensações de bem-estar e tranquilidade, diminuição de sentimentos de desconfiança e da ansiedade e aumento da imaginação, que são rapidamente substituídos por dificuldades de atenção, lentificação do pensamento, depressão e letargia. O consumo crónico pode provocar falta de apetite, diminuição do desejo sexual, isolamento e desprezo pelas relações interpessoais, impotência nos homens, ciclos menstruais irregulares nas mulheres e enfraquecimento físico.

Tal como os restantes opiáceos é uma substância que provoca grande dependência, devido ao rápido desenvolvimento da tolerância e à intensidade dos sintomas de abstinência, caracterizados por diarreia, vômitos, náuseas, bocejos, febre, hipersensibilidade à dor, insónias, suores intensos, dilatação das pupilas, batimentos cardíacos irregulares, aumento da tensão arterial, dores musculares e abdominais. Estes sintomas são ainda acompanhados de um intenso desejo de consumo, ansiedade, irritabilidade e agitação.